

Fabiano Eloy Afílio Batista
(Organizador)

ARTE

Multiculturalismo e
diversidade cultural

2



Atena
Editora

Ano 2021

Fabiano Eloy Atílio Batista
(Organizador)

ARTE

Multiculturalismo e
diversidade cultural

2



Atena
Editora
Ano 2021

Editora chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Editora executiva

Natalia Oliveira

Assistente editorial

Flávia Roberta Barão

Bibliotecária

Janaina Ramos

Projeto gráfico

Camila Alves de Cremo

Luiza Alves Batista

Maria Alice Pinheiro

Natália Sandrini de Azevedo

Imagens da capa

iStock

Edição de arte

Luiza Alves Batista

2021 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do texto © 2021 Os autores

Copyright da edição © 2021 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.

Open access publication by Atena Editora



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição Creative Commons. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

Conselho Editorial**Linguística, Letras e Artes**

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins

Profª Drª Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

Profª Drª Carolina Fernandes da Silva Mandaji – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará

Profª Drª Edna Alencar da Silva Rivera – Instituto Federal de São Paulo

Profª Drª Fernanda Tonelli – Instituto Federal de São Paulo

Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões

Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná

Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará

Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste

Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

Arte: multiculturalismo e diversidade cultural 2

Diagramação: Camila Alves de Cremo
Correção: Bruno Oliveira
Indexação: Gabriel Motomu Teshima
Revisão: Os autores
Organizador: Fabiano Eloy Atílio Batista

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

A786 Arte: multiculturalismo e diversidade cultural 2 /
Organizador Fabiano Eloy Atílio Batista. – Ponta Grossa
- PR: Atena, 2021.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-5983-531-7

DOI: <https://doi.org/10.22533/at.ed.317210410>

1. Artes. I. Batista, Fabiano Eloy Atílio (Organizador). II.
Título.

CDD 700

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que os artigos científicos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirmam a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhecem terem informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa; 6. Autorizam a edição da obra, que incluem os registros de ficha catalográfica, ISBN, DOI e demais indexadores, projeto visual e criação de capa, diagramação de miolo, assim como lançamento e divulgação da mesma conforme critérios da Atena Editora.

DECLARAÇÃO DA EDITORA

A Atena Editora declara, para os devidos fins de direito, que: 1. A presente publicação constitui apenas transferência temporária dos direitos autorais, direito sobre a publicação, inclusive não constitui responsabilidade solidária na criação dos manuscritos publicados, nos termos previstos na Lei sobre direitos autorais (Lei 9610/98), no art. 184 do Código Penal e no art. 927 do Código Civil; 2. Autoriza e incentiva os autores a assinarem contratos com repositórios institucionais, com fins exclusivos de divulgação da obra, desde que com o devido reconhecimento de autoria e edição e sem qualquer finalidade comercial; 3. Todos os e-book são *open access*, desta forma não os comercializa em seu site, sites parceiros, plataformas de *e-commerce*, ou qualquer outro meio virtual ou físico, portanto, está isenta de repasses de direitos autorais aos autores; 4. Todos os membros do conselho editorial são doutores e vinculados a instituições de ensino superior públicas, conforme recomendação da CAPES para obtenção do Qualis livro; 5. Não cede, comercializa ou autoriza a utilização dos nomes e e-mails dos autores, bem como nenhum outro dado dos mesmos, para qualquer finalidade que não o escopo da divulgação desta obra.

APRESENTAÇÃO

Estimados leitores e leitoras;

É com enorme satisfação que apresentamos a vocês a coletânea **“Arte: Multiculturalismo e diversidade cultural”**, dividida em dois volumes, e que recebeu artigos nacionais e internacionais de autores e autoras de grande importância e renome nos estudos das Artes.

As discussões propostas ao longo dos 39 capítulos que compõem esses dois volumes estão distribuídas nas mais diversas abordagens no que tange aos aspectos ligados à Arte, ao Multiculturalismo e a Diversidade Cultural, buscando uma interlocução atual, interdisciplinar e crítica com alto rigor científico.

Por meio das leituras, podemos ter a oportunidade de lançarmos um olhar por diferentes ângulos, abordagens e perspectivas para uma ampliação do nosso pensamento crítico sobre o mundo, sobre os sujeitos e sobre as diversas realidades que nos cerca, oportunizando a reflexão e problematização de novas formas de pensar (e agir) sobre o local e o global.

Nesse sentido, podemos vislumbrar um conjunto de textos que contemplam as diversidades culturais existentes, nacionalmente e internacionalmente, e suas interlocuções com o campo das Artes, considerando aspectos da linguagem, das tradições, do patrimônio, da música, da dança, dos direitos humanos, do corpo, dentre diversas outras esferas de extrema importância para o meio social, enfatizando, sobretudo, a valorização das diversidades enquanto uma forma de interação e emancipação dos sujeitos.

Os capítulos desses dois volumes buscam, especialmente, um reconhecimento da diversidade e a compreensão da mesma como um elemento de desconstrução das desigualdades, pois enfatizam que se atentar para a diversidade cultural e para o multiculturalismo é respeitar as múltiplas identidades e sociabilidades, de forma humana e democrática.

A coletânea **“Arte: Multiculturalismo e diversidade cultural”**, então, busca, em tempos de grande diversidade cultural, social e política, se configurar como uma bússola que direciona as discussões acadêmicas para o respeito às diversidades, sobretudo nas sociedades contemporâneas.

Ressaltamos ainda, mediante essa coletânea, a importância da divulgação científica, em especial no campo das Artes e, especialmente, a Atena Editora pela materialização de publicações de pesquisas que exploram e divulgam esse universo, sobretudo nesse contexto marcado por incertezas e retrocessos no campo da Educação.

Ademais, espera-se que os textos aqui expostos possam ampliar de forma positiva os olhares e as reflexões de todos os leitores e leitoras, oportunizando o surgimento de

novas pesquisas e olhares sobre o universo das Artes, do Multiculturalismo e da Diversidade Cultural.

A todos e todas, esperamos que gostem e que tenham uma agradável leitura!

Fabiano Eloy Atílio Batista

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
ANÁLISIS DE LA PRÁCTICA ARTÍSTICA MULTIDISCIPLINAR, UNA REFLEXIÓN SOBRE EL ESTILO EN EL ANÁLISIS DE LA OBRA DE J. BARBI Y R. GREGORES	
Laura Navarrete Álvarez	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.3172104101	
CAPÍTULO 2	14
ARTE E ATIVISMO AMBIENTAL NA POÉTICA DE FRANS KRAJCBERG	
Regina Lara Silveira Mello	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.3172104102	
CAPÍTULO 3	21
AS PAIXÕES DO ITALIANO MECARELLI: FOTOGRAFIA E PARATY	
Paulo Fernando Pires da Silveira	
Artur Cesar Isaia	
Patrícia Kayser Vargas Mangan	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.3172104103	
CAPÍTULO 4	35
PATRIMONIO CULTURAL INMATERIAL EN EXPRESIÓN DRAMÁTICA CON SÉNIORES	
Fernando José Sadio-Ramos	
María Angustias Ortiz-Molina	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.3172104104	
CAPÍTULO 5	44
POLÍTICAS CULTURAIS NA BAIXADA FLUMINENSE: UMA ANÁLISE SOBRE A ATUAÇÃO DO ESTADO NO MUNICÍPIO DE DUQUE DE CAXIAS – RJ	
Marlon Santos Dias	
Janaína Machado Simões	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.3172104105	
CAPÍTULO 6	57
POLÍTICA CULTURAL PARA AS ARTES: EM BUSCA DE UM CURTO-CIRCUITO	
Carlos Dalla Bernardina Junior	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.3172104106	
CAPÍTULO 7	65
DIREITOS HUMANOS INTERCULTURAIS E EDUCAÇÃO DE SURDOS: UMA LEITURA SOB ALENTE DA ANÁLISE CRÍTICA DO DISCURSO	
Cleide Emília Faye Pedrosa	
Alzenira Aquino de Oliveira	
Juliana Barbosa Alves	
João Paulo Lima Cunha	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.3172104107	

CAPÍTULO 8	80
A SENTENÇA SOCIAL E OS IMPACTOS DA VIOLÊNCIA SIMBÓLICA NO INTERIOR DAS COMUNIDADES INDÍGENAS: UMA ANÁLISE SOCIOCULTURAL A PARTIR DO POVO GUARANI-KAIOWÁ, VIABILIZANDO AS MULHERES INDÍGENAS	
Ana Carolina de Oliveira Campos José Manfroi	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.3172104108	
CAPÍTULO 9	96
OS SENTIMENTOS QUE MULHERES NEGRAS EXPRESSAM EM ATIVIDADES MUSICOTERAPÊUTICAS	
Michele Mara Domingos Rosemyriam Cunha	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.3172104109	
CAPÍTULO 10	109
CARÁ-ROXO (<i>DIOSCOREA TRIFIDA</i>): A POSSIBILIDADE DE UM RESGATE DE HÁBITOS NA ALIMENTAÇÃO ALAGOANA	
Polianny Gusmão Remigio Costa Amanda Christina Simplício Calheiros Cristiana Purcell	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.31721041010	
CAPÍTULO 11	116
DE FIORI NO LIMBO	
Marcos Faccioli Gabriel	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.31721041011	
CAPÍTULO 12	132
A ILUSTRAÇÃO DO VAZIO	
Mário Sette	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.31721041012	
CAPÍTULO 13	140
PINTORES CANARIOS ACTUALES EN UNA ESTÉTICA DEL PAISAJE. PAISAJES NEORROMÁNTICOS Y VISIONES DEL PAISAJE EN LOS LÍMITES DE LA ABSTRACCIÓN	
David Manuel Méndez Pérez	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.31721041013	
CAPÍTULO 14	157
TUNGA: JOGO DE AFINIDADES	
Wellington Cesário	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.31721041014	

CAPÍTULO 15.....	163
RÉPLICAS DO “EFEITO BILBAO”: A NOVA GERAÇÃO GLOBAL	
Jordi Oliveras Samitier Mila Nikolić	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.31721041015	
CAPÍTULO 16.....	175
DOCUMENTÁRIO; VIDEOARTE – DO BRASIL PARA O MUNDO, DO MUNDO PARA O BRASIL	
André Hallak Martins da Costa Camilo Guimarães de Oliveira	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.31721041016	
CAPÍTULO 17.....	188
HOW TO PLAY MODERN BASSOON IN A CONTINUO SECTION WITHOUT LOSING THE RESPECT OF YOUR COLLEAGUES	
Mathieu Lussier	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.31721041017	
CAPÍTULO 18.....	200
ITINERÁRIO FOTOGRÁFICO DE PAULA SAMPAIO EM “ANTES DO FIM”	
Melissa Barbery Lima	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.31721041018	
CAPÍTULO 19.....	210
QUADRILHA JUNINA NO CONTEXTO DO RN: GÊNERO E SEXUALIDADE, PAUTAS LEVANTADAS NO ÂMBITO DA MANIFESTAÇÃO POPULAR	
Douglas Barros Gomes Marcilio de Souza Vieira	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.31721041019	
CAPÍTULO 20.....	214
PINTURAS NORDESTINAS: UMA RELEITURA DE ARTISTAS POPULARES BRASILEIROS, SOB A ÓTICA DE JOVENS QUE CUMPREM MEDIDA SOCIOEDUCATIVA NO DISTRITO FEDERAL	
Anna Rosa Scherma de Oliveira Claudia Candida de Oliveira Jaqueline Ornelas de Oliveira	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.31721041020	
SOBRE O ORGANIZADOR.....	226
ÍNDICE REMISSIVO.....	227

POLÍTICA CULTURAL PARA AS ARTES: EM BUSCA DE UM CURTO-CIRCUITO

Data de aceite: 21/09/2021

Carlos Dalla Bernardina Junior

Itaú Cultural / Université Girona
São Paulo/SP

<https://orcid.org/0000-0002-3317-0984>

RESUMO: Este artigo busca problematizar as distinções entre “arte” e “cultura”, no sentido de refletir sobre o lugar desta última no atual desenho das políticas culturais brasileiras. Ainda, busca inscrever tais distinções dentro dos pressupostos da “filosofia da diferença”, explorando a relação “*identidade x diferença*” em diálogo com o tema em debate.

PALAVRAS - CHAVE: Arte; cultura; políticas culturais; filosofia da diferença; identidade.

CULTURAL POLICY FOR THE ARTS: SEARCHING FOR A SHORT-CIRCUIT

ABSTRACT: This paper aims to discuss the distinctions between the concepts of “art” and “culture”, as well as its implication on the actual design of brazilian cultural policies. In addition, it inscribes these distinctions in the assumptions of the “philosophy of difference”, examining the relation between “identity and difference” in the scope of the subject.

KEYWORDS: Arts; culture; cultural policy; philosophy of difference; identity.

1. A cultura é construída a partir

do passado;

2. O passado sempre tenta controlar o futuro;

3. Nosso futuro está se tornando menos livre;

4. Para construir sociedades livres, devemos limitar o controle do passado.

(RIP - A remix manifesto)

Iniciaremos este artigo no sentido inverso do usual, ou seja, por sua conclusão: hoje, no Brasil (e talvez na maior parte do mundo), faz-se política *cultural* para a arte, e isso representa um grave problema para a vitalidade de nosso sistema cultural. Na verdade, gostaria de partir do pressuposto de que isso representa *o que de mais grave* pode acontecer com esse sistema. Procurarei utilizar as próximas linhas para justificar esta tomada de posição, menos no intuito de alimentar qualquer resposta conclusiva, e mais no sentido de abrir um debate que pouco circula e pouco circulou entre nós até os dias de hoje.

Em 2008, o canadense Brett Gaylor lançou uma das obras mais propositivas daquele ano, mas que passou relativamente despercebida pelo mundo da *intelligentsia* no Brasil. *RIP - A remix manifesto*¹ debruçou-se sobre uma das expressões mais estigmatizadas da cultura contemporânea, a cultura do remix (espécie de ápice do processo de perda da aura

¹ O documentário está disponível através deste link: <https://www.youtube.com/watch?v=lcuDe4iGI6s>

preconizado por Walter Benjamim²), para abordar o quadro mais geral da cultura digital e seus desdobramentos para a liberdade e a criatividade humanas. A citação no início do capítulo é o manifesto em si, os princípios explicitados logo no início do documentário, a partir dos quais toda a narrativa foi desenvolvida (e que um legítimo “manifesto” tenha sido elaborado em linguagem audiovisual, é, por si só, um potente sintoma do nosso tempo). Para Gaylor, a nova linguagem da cultura popular é o remix, fruto de uma geração “que faz download da cultura mundial e a transforma em algo diferente”. Uma geração para a qual “o processo criativo tornou-se mais importante do que o produto, pois os consumidores também viraram criadores.” Mas ele alerta para o fato de que “as pessoas que *possuem* a cultura que remixamos representam o passado. E elas declararam guerra.” E fizeram isso através do mecanismo do direito de propriedade intelectual em sua forma mais agressiva, o “copyright”.

Subjacente a este argumento, está uma crítica aos modos de controle dos conteúdos no ambiente digital em rede. A meu ver, um ponto que a obra de Gaylor não problematiza adequadamente diz respeito à complexidade em se conciliar a liberdade de uso das obras com as consequências econômicas para os criadores. No documentário, casos de indivíduos que fazem download de obras para “fruição passiva” ou para “uso criativo” são por vezes tratados de forma indiscriminada. Além disso, um certo elogio irrestrito ao hábito de “piratear” deixa de considerar seus limites quando restringem a vitalidade cultural com a mesma eficácia, embora pela via oposta, dos mecanismos de copyright. Isso pode ocorrer quando, por exemplo, a pirataria irrestrita compromete a existência de mercados culturais em diversos níveis, deixando os criadores à mercê de fontes de financiamento cada vez mais restritas.

Diferentemente do contexto norte-americano, de onde Gaylor partiu para construir seu manifesto, o Brasil não possui uma indústria significativa em torno do “copyright”, e isso não apenas no âmbito da cultura, mas em todos os outros que envolvem propriedade intelectual. No entanto, isso não significa que, aqui, o passado não tente controlar o futuro, e que não seja preciso encontrar formas de limitar este controle. Muito pelo contrário. Neste sentido, é interessante destacar a parte final do documentário, na qual Gaylor faz uma análise do Brasil como *locus* privilegiado para o fomento da “nova cultura popular”, remixada e regurgitada, citando desde o manifesto antropofágico, passando pelos pontos de cultura, e chegando a até então recente experiência do Ministério da Saúde com a quebra de patentes para medicamentos anti-HIV. A imagem um tanto romantizada do diretor, entretanto, tem para nós um sabor suspeito.

No Brasil, o controle do futuro pelo passado assume formas bem distintas, porém não menos eficazes, calcadas em uma densa malha de institucionalidade, centralizada e patrimonialista, que estereotipa e estrangula os mercados, estipula critérios do que possa

2 BENJAMIN, Walter. A obra de arte da era de sua reprodutibilidade técnica. In: Obras escolhidas: magia e técnica, arte e política. Ed. Brasiliense, São Paulo - 1987

ser considerado legítimo, coloca a arte e a cultura à mercê das políticas de Estado e do marketing empresarial. Neste cenário, a “identidade” é o principal dispositivo que orienta e justifica a dinâmica artística e cultural. Se nos EUA o problema pode ser identificado no bloqueio do acesso à memória cultural através da sua cooptação por interesses mercantis de grandes empresas, no Brasil observamos exatamente o contrário: uma certa saturação de acesso a esta memória, por conta da quase obrigatoriedade de prestar contas a ela, não de forma livre, provocativa, propositiva e criativa, mas através dos “moldes identitários” com os quais ela se apresenta branda e convenientemente pronta para servir à malha institucional que governa os territórios, enquanto instrumentos de afirmação desses moldes.

Na ausência de mercados independentes de pequena escala (nichos), não cooperar com este *modus operandi* significa quase que invariavelmente estar alijado das condições mínimas de sustentabilidade econômica para o desenvolvimento de propostas artísticas e culturais com consistência e continuidade no tempo. Interessante notar, portanto, como as duas vias em questão (brasileira e norte-americana), por caminhos aparentemente opostos, produzem o mesmo efeito de controle do passado sobre o presente (e o futuro). Neste contexto, o trato da política cultural com a dimensão da memória deve ser no sentido de evitar o que Simmel previu como a “tragédia da cultura”³, quando o fluxo vivo dos processos culturais é cristalizado em formas vazias, incapazes de fazerem circular o sentido entre o “íntimo” e o “êntimo” dos indivíduos, como bem percebeu Patrice Meyer-Bisch em uma aula proferida durante o curso de política e gestão cultural do Itaú Cultural⁴. O desafio, portanto, pode ser formulado a partir da seguinte pergunta: como fazer uma política cultural comprometida com o presente, sabendo explorar a dimensão da memória como o terreno fértil sobre o qual florescerá a criação atual, sem sufocá-la com os excessos de “memória” que estrangulam a emergência daquilo que sempre vem para desafiar o que está posto?

Para responder a este desafio, precisamos voltar ao início do artigo e explorar sua conclusão: no Brasil, faz-se política *cultural* para a *arte*. Por que isso é grave? Qual a importância do gestor cultural neste quadro? Em *A cultura e seu contrário*⁵, Teixeira Coelho dedica-se a aprofundar essa distinção (no geral pouco problematizada em nossa prática profissional cotidiana). À ideia de que a arte seria uma espécie de “exacerbação” da cultura, ele traz (por soma de camadas, e não subtração), a ideia de que ela seria também uma espécie de seu “contrário”, elemento que atravessa a constituição da cultura simultaneamente como negação e princípio dinâmico da mesma, confrontando suas cristalizações ao mesmo tempo que confirmando sua vitalidade (justamente ao provocar toda uma série de deslocamentos em seu interior, a partir do questionamento de seus pressupostos). Esta relação paradoxal entre “arte” e “cultura”, para muito além de um mero exercício retórico, reveste-se de importância fundamental para o trabalho do gestor cultural,

3 SIMMEL, Georg. A tragédia da cultura. Ed. Iluminuras, São Paulo - 2021

4 O conteúdo desta aula pode ser conferido através deste link: <https://www.youtube.com/watch?v=5-5qL5NM39U>

5 Este conteúdo é desenvolvido de forma mais incisiva no último capítulo do livro, a partir da pág. 117.

na medida em que traz a exigência por programas que considerem essas complexas distinções, sem que isso signifique, necessariamente, uma separação rígida entre elas.

A questão fundamental que se coloca aqui é o fato de que, pelo menos no Brasil, a ausência de uma reflexão mais consistente sobre este assunto tem relegado à arte uma condição periclitante no quadro das políticas culturais, que pretende quase sempre abarcá-la no bojo da cultura em sentido amplo, sem prestar atenção às suas reais (e específicas) necessidades. A gravidade do problema pode ser entendida quando percebemos que a dimensão da arte, enquanto condição fundamental para um ambiente cultural dinâmico e vitalizado, encontra-se estrangulada por um programa geral que tende a privilegiar a regra (cultura) em detrimento da exceção (arte), dando aos detentores do passado amplas condições de perpetuarem seu controle sobre o porvir.

Para atuar neste cenário, a primeira tarefa do gestor cultural talvez seja estar apto a identificar quando estamos diante de um processo ou obra de *arte*, em contraposição a um processo ou obra de *cultura*, tarefa tão importante quanto delicada, na medida em que tais dimensões estão sempre imbricadas de modo indissociável numa teia complexa de dispositivos e significados. O quadro⁶ elaborado por Coelho em sua já citada obra nos dá uma base consistente sobre a qual operar. No entanto, há que se reconhecer o caráter fluído e por vezes fugidio de qualquer sistema classificatório envolvendo os dois conceitos, fato afinal reconhecido pelo próprio autor na ocasião. Neste sentido, cabe considerar a necessidade de formulação de programas que levem em conta o aspecto sistêmico da relação entre arte e cultura, sem perder de vista a necessidade de atender a suas necessidades específicas. Para esta difícil tarefa, creio ser importante destacar alguns marcos do sistema classificatório desenvolvido por Coelho. Do amplo quadro de distinções elaborado pelo autor, gostaria de destacar as seguintes:

6 O quadro completo pode ser consultado a partir da pág. 120 de "A cultura e seu contrário".

Quanto ao sujeito , na medida em que as obras de cultura privilegiam a dimensão do coletivo, enquanto as obras de arte privilegiam a dimensão do indivíduo:	Cultura	Arte
	nós > eu superego > ego > id	eu > nós ego > id > superego
Quanto à força geratriz , na medida em que a cultura, ao nascer da necessidade de constituição de uma memória e uma identidade coletivas, conforma-se a um tratamento em tudo mais lógico e racional do que a arte, que nasce do desejo de expressar tudo aquilo que atravessa essa mesma memória e identidade, não podendo então conformar-se às tradicionais "justificativas" de cunho antropológico ou sociológico que embasam os programas culturais.	Cultura	Arte
	necessidade	desejo / liberdade
Quanto à sociabilidade , na medida em que a cultura opera sob a demanda de confirmação daquilo que está posto (a identidade e a memória instituídas), enquanto a arte opera fundamentalmente sob o impulso do instituinte, do atravessamento daquilo que reconforta, estabiliza, integra e identifica, com toda a carga de risco aí envolvida.	Cultura	Arte
	reconforto, estabilidade, integração	risco, insegurança, instabilidade
Quanto ao modo semiótico , na medida em que as obras de cultura fazem o sentido circular a partir de símbolos já estabelecidos, comunicando algo que deve ser antes "alcançado" do que "interpretado". Já a arte opera sob o signo da expressão, buscando desconstruir os usos comuns dos significantes disponíveis.	Cultura	Arte
	comunicação (informação)	Expressão
Quanto ao modo discursivo , na medida em que a cultura costuma apoiar-se sob alguma narrativa fundamental, cuja resposta já está dada de antemão, enquanto a arte instaura-se a partir de fragmentos, tateando os limites do que pode ser dito ou expressado.	Cultura	Arte
	narrativa	fragmento (ato unitário)
Quanto à matéria , na medida em que a cultura se faz a partir de normas e hábitos, enquanto a arte se faz justamente em sua desregulação, questionando a "épisteme" que está em jogo em determinado tecido social.	Cultura	Arte
	normas, hábitos, regras	desregulação, valores autônomos
Quanto ao princípio identitário , na medida em que a cultura tem como princípio a afirmação de uma identidade, coletiva e fundamental, enquanto a arte debruça-se sobre a "diferença", que tende a se estabelecer como a "via negativa de elaboração da identidade", pelo menos num primeiro momento.	Cultura	Arte
	identidade, repetição, afirmação	diferença, contraste, negação
Quanto ao modo de compreensão , na medida em que a cultura, ao conformar uma narrativa fundamental, presta-se à <i>explicação</i> a partir da experiência da tradição, enquanto a arte só pode ser investigativa, na melhor das hipóteses especulativa, quando propõe uma experiência direta a partir do sensível, atravessando os códigos já estabelecidos e negando ser cooptada por qualquer "moral da história".	Cultura	Arte
	explicação	investigação

Agora que problematizamos as distinções entre arte e cultura, mesmo que de forma

breve, podemos entender com mais clareza porque a maioria dos programas culturais atualmente disponíveis constroem a emergência de projetos incisivamente artísticos, na medida em que tendem a ser baseados na recorrência à memória, na afirmação de identidades, na pertinência para o coletivo, nas “justificativas” construídas como narrativas, escoradas em argumentos de cunho antropológico, sociológico, econômico ou ambiental, entre outros aspectos que os situam quase sempre à esquerda do quadro sugerido por Coelho. Por outro lado, os poucos programas voltados para a arte acabam, por sua vez, também constroendo a dimensão da cultura, seguindo talvez um movimento compensatório, quando se negam a dialogar com o substrato comum fornecido pelos *elementos de cultura*, que poderiam desempenhar um papel importante na ampliação do alcance dos processos e obras de arte.

Por legítimo e necessário que seja, um programa *stricto sensu* para a arte, por si só, não é eficaz para promover transformações significativas de forma abrangente, na medida em que sua necessária intransigência tende a alimentar um certo *vácuo de sentido* entre aqueles que já se encontram dentro e aqueles que permanecem fora de seu circuito. Desse modo, arrisco-me a uma prescrição a partir desse diagnóstico: além de mais programas para a arte, é preciso igualmente mais programas que explorem a zona cinzenta entre as duas polaridades, permitindo a emergência de projetos culturais mais abertos à dimensão artística, bem como projetos artísticos capazes de convidar novos indivíduos para seus meandros através da “liga” que a cultura proporciona entre o artista e seus “outros”.

A vitalidade de nosso sistema cultural depende essencialmente das aberturas e curtos-circuitos provocados pela existência da arte. Este é o pressuposto básico que orienta este trabalho. No entanto, é importante ressaltar que a dimensão artística é antes sintoma do que elemento instaurador das pulsões que colocam a vida em sociedade em movimento. Como podemos depreender das reflexões de Gilles Deleuze sobre a arquetípica tentativa de apropriação da *diferença* pela *identidade* em suas múltiplas *representações*⁷, o que parece estar em jogo como pano de fundo é o eterno conflito entre, de um lado, a instância do *coletivo impessoal* que busca conservar e “normalizar” o *instituído*, e do outro, a instância de uma *diferença singular* que busca expressar-se em sua natureza *instituinte*. E é justamente neste ponto que os debates sobre o “lugar da arte” em políticas culturais se tocam e se encontram, na medida em que todos apresentam-se como sintomas dessa pulsão em direção à diferença num mundo historicamente regido pela identidade, trazendo quem sabe um ponto de fuga para o cenário de saturação identificado por Michel Maffesoli em sua obra seminal:

Reduzir tudo à unidade foi a característica da organização social da modernidade. Expelir as diferenças. Homogeneizar os modos de ser. A expressão de A. Comte — *reductio ad unum* — resume muito bem esse ideal,

7 Além da obra original de Deleuze que trata deste tema, “Diferença e repetição”, o filósofo Roberto Machado trata de forma sintética a respeito da relação entre os conceitos de “identidade”, “representação” e “diferença” no artigo “Deleuze e a ruptura com a representação”, presente na publicação “Arte e Ruptura” (Ed. Sesc. Rio de Janeiro, 2013).

o de uma República una e indivisível. E não se pode negar que se tratou, então, de um verdadeiro ideal cujos resultados, culturais, políticos, sociais, foram inegáveis. Mas, em longo prazo, a história humana ensina que nada é eterno. E não é a primeira vez que se observa a saturação desse ideal unitário. Impérios romano, inca, asteca, podem-se multiplicar ao infinito os exemplos de formas de organização centralizadas que se encontram no osuário das realidades.⁸

“Estar à altura do presente”, eis o que se pede em políticas culturais (como em quase tudo mais)... eis nosso principal desafio, do qual todos os outros derivam. Em uma entrevista do filósofo Michel Serres para o programa Roda Viva⁹, ele nos chama atenção para um importante aprendizado que teve em sua vida, através de um professor. Dizia ele, sobre uma lição de história evolucionária que teve profundo impacto sobre seu fazer filosófico, ao descrever a forma pela qual o homem “se levantou”:

Eu tinha um professor, era um homem admirável... ele nos mostrava... ficando de quatro, as duas mãos sustentavam o corpo... e quando o corpo se levantou... as mãos perderam a função de sustentar... mas adquiriram a função de “pegar”... Antes, quando estávamos de quatro, a boca tinha a função de “pegar”, já que as mãos estavam ocupadas... Então, a boca perdeu a função de “pegar”... mas ganhou a capacidade de falar... E desde que esse professor me explicou tal fenômeno, tornei-me um homem otimista.

Porque haveria o filósofo de se tornar otimista com tal explicação? Podemos abordar esta pergunta com uma outra, mais diretamente relacionada ao trabalho do gestor cultural: em que medida insistimos em pactuar com o que está sendo perdido no campo da memória e da identidade, deixando de enxergar e apostar no que está emergindo para ser “ganho” logo à frente no campo da “diferença”? Proponho uma analogia com a psicanálise, no sentido de pensar uma cultura que nega a memória como uma espécie de cultura “psicotizada”... por outro lado, uma cultura que se deixa prender e estagnar nas malhas da memória pode ser considerada como uma espécie de cultura “neurotizada”¹⁰. Em grande medida, o trabalho do gestor cultural é o de estar atento a este delicado balanço, agindo para vitalizar o sistema, de acordo com valores constantemente “analisados” e ressignificados. Mais do que isso, talvez não sejamos capazes de fazer. Mais do que isso, inclusive, talvez seja justamente o que devemos evitar de fazer, sob risco de cedermos a seduções reguladoras em nome de algum “bem pensar” ou “bem agir” instituído.

REFERÊNCIAS

ÂNGELO, Miguel. Biopolítica e sociedade do controle: notas sobre a crítica do sujeito entre Foucault e Deleuze. In: Revista Cinética: http://www.revistacinetica.com.br/cep/miguel_angelo.htm

8 MAFFESOLI, Michel. Saturação. Ed. Iluminuras. São Paulo, 2010.

9 O trecho da entrevista em questão pode ser acessado aqui: <https://www.youtube.com/watch?v=CPBpgILAM1M>

10 FINK, Bruno. O sujeito lacaniano - entre a linguagem e o gozo. Ed. Jorge Zahar, 2014.

De forma mais objetiva, uma explicação rápida desses conceitos psicanalíticos é descrita no seguinte artigo online: <https://www.psicanaliseclinica.com/neurose-e-psicose/#:~:text=Neste%20breve%20resumo%2C%20vamos%20conhecer,tamb%C3%A9m%20foi%20denominada%20de%20loucura.>

COELHO, José Teixeira. A cultura e seu contrário. Ed. Iluminuras. São Paulo, 2008.

COELHO, José Teixeira. O grito que não se ouve.

FINK, Bruno. O sujeito laciano - entre a linguagem e o gozo. Ed. Jorge Zahar, 2014.

GAYLOR, Brett. RIP, a remix manifesto: <https://www.youtube.com/watch?v=lcuDe4iGI6s>

GONÇALVES, Márcia Cristina Ferreira. Sobre a interpretação da tese do "fim da arte" na estética de Hegel. In: Arte e Ruptura. Ed. Sesc. Rio de Janeiro, 2013.

MACHADO, Roberto. Deleuze e a ruptura com a representação. In: Arte e Ruptura. Ed. Sesc. Rio de Janeiro, 2013.

MAFFESOLI, Michel. Saturação. Ed. Iluminuras. São Paulo, 2010.

SERRES, Michel. Entrevista para o programa Roda Viva, da Rede Cultura: <https://www.youtube.com/watch?v=CPBpgILAM1M>

SHOPKE, Regina. Por uma filosofia da diferença. Edusp. São Paulo, 2004.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Afinidades 157, 158, 159, 161, 162, 206

Alagoas 109, 110, 111, 112, 113, 114

Alegorias 132, 138

Análise crítica do discurso 65, 66, 67, 71, 76, 78

Arte 1, 2, 3, 4, 5, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 18, 19, 20, 26, 28, 57, 58, 59, 60, 61, 62, 64, 107, 116, 117, 119, 120, 121, 122, 125, 128, 130, 132, 133, 137, 138, 139, 154, 155, 156, 157, 159, 162, 163, 166, 167, 168, 169, 170, 172, 173, 174, 175, 176, 177, 185, 187, 200, 214, 215, 216, 217, 220, 221, 222, 226

Arte contemporânea 14, 132, 157, 166, 167, 169, 175, 187

Arte moderna no Brasil 116

Arte-sistema 1, 4

Artes visuais 175, 186

Arte urbana 163

Articulação 53, 99, 100, 127, 188

Autor 1, 2, 5, 11, 13, 16, 18, 21, 29, 60, 103, 122, 132, 133, 137, 158, 159, 160, 176, 179, 185

B

Baixada Fluminense 44, 49

Baixo contínuo 188

C

Cará-roxo (dioscorea trifida) 109, 110, 111, 112, 113, 114, 115

Cinema 29, 175, 176, 177, 178, 179, 180, 181, 182, 183, 184, 185, 186, 187, 223, 226

Colonização 80, 81, 86, 89, 222

Comunidades indígenas 80, 82, 84

Criatividade 14, 42, 58, 219

Cultura 23, 24, 25, 26, 29, 30, 31, 32, 33, 34, 35, 37, 39, 40, 44, 45, 46, 47, 48, 49, 50, 51, 52, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 59, 60, 61, 62, 63, 64, 65, 66, 67, 69, 70, 75, 77, 78, 79, 80, 81, 82, 83, 85, 87, 88, 89, 90, 92, 93, 94, 95, 97, 110, 115, 122, 125, 130, 155, 156, 163, 164, 166, 169, 171, 172, 173, 174, 186, 214, 215, 216, 218, 220, 221, 223, 226

Cultura urbana 163

D

Dignidade humana 69, 80, 82, 85, 90, 92, 93

Direitos humanos interculturais 65, 67, 68, 69, 71

Documentário 57, 58, 120, 175, 176, 177, 178, 179, 180, 181, 182, 183, 184, 185, 186, 187

E

Escultura moderna 4, 116

Estilo 1, 2, 3, 5, 11, 12, 84, 89, 90, 92, 100, 102, 178

Expressão de sentimentos 96, 97, 98, 106

Expressionismo 116, 122, 126, 127, 140, 222

F

Fagote 188

Filosofia da diferença 57, 64

G

Gestão cultural 23, 25, 27, 31, 32, 34, 44, 50, 59, 173

Gestor cultural 21, 22, 28, 31, 32, 33, 34, 59, 60, 63

Giancarlo Mecarelli 21, 22, 25, 26, 28, 29, 30, 32, 33

Guarani-Kaiowá 80, 81, 82, 85, 86, 87, 88, 89, 91, 92, 94

I

Identidade 29, 44, 50, 57, 59, 62, 63, 65, 69, 72, 75, 76, 80, 88, 90, 92, 94, 97, 106, 133, 168, 171, 209, 212

Ilustrações 132, 137, 223

L

Lógicas operacionais 1

M

Motivos paisagísticos 140

Mulheres negras 96, 98, 99, 101, 102, 105, 106, 107

Museu 15, 49, 93, 118, 131, 157, 163, 164, 165, 166, 167, 169, 171, 173

Musicoterapia 96, 97, 98, 99, 100, 101, 106, 107, 108

N

Neuro ciências 132

Novas estratégias urbanas 163

P

Paraty 21, 22, 23, 24, 25, 26, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 34

Paraty em foco 34

Performance 99, 157, 159, 161, 188

Pintores canários contemporâneos 140

Pintura moderna 116, 125, 155

Pinturas 118, 127, 132, 142, 144, 156, 214, 215, 217, 219, 222, 224

Políticas culturais 25, 28, 34, 44, 45, 46, 50, 51, 53, 54, 55, 56, 57, 60, 62, 63

Povo surdo 65, 69, 75

Produtos alimentícios não convencionais 109

R

Reacção à era tecnológica 140

Reconhecimento 16, 21, 33, 45, 49, 50, 65, 70, 74, 75, 76, 77, 87, 92, 116, 117, 127, 128, 130, 217

Redistribuição 65, 70, 76

Regeneração urbana 163

Romantismo 132, 140

S

Sustentabilidade 14, 43, 59, 110, 166

T

Tunga 157, 158, 159, 160, 161, 162

V

Videoarte 175, 176, 184, 185

Violência simbólica 80

ARTE

Multiculturalismo e diversidade cultural

-  www.atenaeditora.com.br
-  contato@atenaeditora.com.br
-  [@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora)
-  www.facebook.com/atenaeditora.com.br

2



ARTE

Multiculturalismo e
diversidade cultural

-  www.atenaeditora.com.br
-  contato@atenaeditora.com.br
-  [@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora)
-  www.facebook.com/atenaeditora.com.br

2

